

A CRISE ECONÔMICA E A FICÇÃO DO FUTURO
Artigo para a Crítica da Cultura
Por
Jacob (J.) Lumier

Ação Confirmada:

Crítica da Cultura / Criticism of culture.

Motivo

O universo de *Davos* lembra o discurso da alienação (perda da noção de realidade social) ao fixar o futuro reduzido à incógnita da crise econômica atual como tarefa de “*decifrar a faticidade do que não é*”, em face do que o movimento do WSF cria uma referência positiva e recupera o ponto de vista da realidade social apreendendo o futuro como aspiração e realização desejável ¹.

Tags: comunicação, crítica, cultura, Davos, discurso, futurismo, ideologia, irrealismo, sociedade, utopia.

Texto

As pessoas que por senso de humor ou descuido leram nesses dias na grande imprensa os comentários sobre o mundo da economia, além do irrealismo repetitivo das expectativas do mercado, terão achado engraçado a preocupação dos chamados analistas em utilizar a noção do futuro para designar a incógnita da crise econômica atual, esquecendo o disparate em falar de futuro da crise (sic!).

Não que o irrealismo discursivo do mercado, sua perda de contato com a realidade social, deva ser minimizado pelo humor. Há quem considere um traço democrático das sociedades anônimas saber como os administradores de investimentos imaginam as expectativas sobre as variações nas cotações, embora este imaginário projetivo se satisfaça com as balizas preestabelecidas que controlam os preços mas escondem a única expectativa real que é transferir recursos para os trabalhadores.

Sem dúvida, o irrealismo discursivo como perda de contato com a realidade constitui um componente crítico estudado por pensadores sociais desde o século XIX.

Assim, por exemplo, em face da constituição da economia política como disciplina separada da sociologia econômica, e relacionando-a com a dominação das alienações, os sociólogos já observavam que <os economistas burgueses estão impregnados pelas representações características de um período particular da sociedade em que a produção e as suas relações regem o homem ao invés de serem por ele regidas (o período das sociedades arcaicas), em tal modo que a necessidade de certa objetivação das forças sociais do trabalho lhes parece inteiramente inseparável da necessidade da desfiguração desse mesmo trabalho pela projeção e pela perda de si, opostas ao trabalho vivo>.

O irrealismo desde então era constatado no discurso que <acentua não as manifestações objetivas do trabalho, da produção, mas a sua deformação ilusória

que esquece a existência dos operários para reter apenas a personificação do capital, ignorando a enorme força objetiva do trabalho que se exerce na sociedade, e que está na própria origem da oposição dos seus diferentes elementos>.

No século XX, com a concorrência sublimada, o indivíduo domesticado e a predominância do “déjà vu” no mundo da comunicação social, o irrealismo assume proporções mais sutis, e o dispositivo de projetar o futuro como perpetuação do sistema é disseminado a contrapelo da modernização e do próprio futurismo.

Nesse contexto, se o futurismo vem a ser afirmado como o estilo e a fantasia da vida urbano-industrial e do progresso desde as primeiras décadas do século XX não está o mesmo imune às confusões do irrealismo. Quer dizer, é segregada uma **ideologia do futurismo** que desde meados do século XX encobre com o manto do irrealismo o mundo da comunicação social ².

Tal a situação que enseja o surgimento em sentido contrário da crítica da cultura visando preservar o ponto de vista da realidade social em face das projeções do Sempre Igual da economia regulada e controlada. Desta sorte, buscando acentuar a redescoberta da realidade social no âmbito do futurismo como expressão autêntica de aspirações coletivas urbanas, sociólogos notáveis procedem pela crítica à desmontagem da ideologia do futurismo projetada desde os anos de 1950 com a fantasia do **Admirável Mundo Novo**, de Aldous Huxley (*The Brave New World*) ³.

Com efeito. Theodor W. Adorno nos leva a distinguir vários aspectos da ideologia do futurismo: uns mais interligados à descrição da fantasia, outros representados na formulação conceitual do futuro.

Se exercendo sobre o mundo administrado da comunicação social, a fantasia nada mais consegue do que figurar os prolongamentos de linhas já existentes na civilização técnica compondo, então nesses prolongamentos do Sempre Igual, uma montagem com a ideologia que se afirma inseparável da utopia negativa ⁴.

Há, pois que empreender a desarticulação dos dispositivos ideológicos para vislumbrar os horizontes da nova sociedade no futurismo, tendo em conta que a qualificação de *ideológicos* se aplica aos comportamentos motivados por separações fixando-se em alternativas.

A ideologia do futurismo nutre-se dos postulados da filosofia da identidade, nutre-se do idealismo com o seu contraponto na idéia de um Eu genérico idêntico em todos.

O tema da felicidade na visão futurista da nova sociedade produz ali uma cruel e inconciliável alternativa contrapondo “sentido objetivo e felicidade subjetiva”, na qual houvera que decidir entre “a barbárie da felicidade” (sob a standardização e a civilização técnica) por um lado e, por outro lado, “a cultura como estágio objetivamente superior, porém incluindo em si a infelicidade”, posto que, nessa visão ideológica, “a prova da nulidade da felicidade subjetiva significa a nulidade da felicidade em si”.

Theodor W. Adorno assinalará a consequência deste dispositivo ideológico do futurismo como projetando colocar no lugar desta “felicidade em si” uma ontologia que, por sua vez, culmina na afirmação de que “a felicidade e o Bem objetivamente supremo são inconciliáveis”, de tal sorte que uma sociedade aspirando somente à felicidade “marcharia inevitavelmente para a animalização mecânica” ⁵.

Mas não é tudo. Observando os traços não-democráticos que se produzem mediante a fixação das separações em rígidas alternativas na utopia negativa,

Theodor W. Adorno destaca que tal alternativa sobre a nulidade da felicidade, sendo combinada a esta outra que separa técnica (no caso a animalização mecânica, o autômato, o robô) e humanidade ⁶ tem por consequência a tese conformista de que a humanidade não deve lutar para escapar à desgraça, estando espremida ante a recaída em uma mitologia (a que se ligam os prognósticos místicos de A.Huxley) e o progresso para “**a total *iliberdade* ⁷ de consciência**” (na animalização mecânica). E nosso autor sentencia: “não sobra lugar para um conceito do homem que não estivera pregado pela constrição sistemática coletiva ou pela contingência do individual”: “o inevitável se produz na utopia negativa”.

Desse modo, para finalizar devemos distinguir o comentário sobre a limitação ideológica da concepção do futuro como tarefa de “*decifrar a faticidade do que não é*” por meio de *prolongamentos do existente combinados a uma lógica corretiva*.

A apreciação que Theodor W. Adorno nos passa sobre a noção mesma de utopia já destaca o limite desta noção do futuro como *tarefa de decifrar a faticidade do que não é*, noção esta que não passa de inevitável recaída na filosofia da identidade, no idealismo.

Desta sorte, mostra-se sempre falha “*a irônica correção lógica*” que busca sempre A. Huxley nos seus *prolongamentos das linhas existentes*.

Quer dizer, há um truque nessa notada recaída na filosofia da identidade que leva a preservar oculta a tendência para a irracionalidade. Segundo Theodor W. Adorno, por trás de esse preservar *no oculto* deve-se distinguir a atitude deificada da grande burguesia ao afirmar soberanamente que defende a sobrevivência da economia do lucro não por interesse próprio, mas por todos os homens; porque “*se eles não tivessem que trabalhar tanto como eles têm não saberiam o que fazer com o tempo livre*”.

Estamos portanto diante de uma *sabedoria de frieza* que carece de conteúdo cognitivo por coisificar não o mundo, mas os homens, tomando-os como dados exteriores na medida mesmo em que, nessa relação cognitiva, deifica o observador como instância livre.

Dessa mesma sabedoria fria releva a **ficção do futuro**, releva o caráter fictício da preocupação com “*a desgraça que poderia infringir ao homem a utopia realizada ao desaparecerem do mundo a fome e a ansiedade*”.

Quer dizer, essa ficção do futuro por sua vez esconde uma transposição aos que ainda estão por nascer da culpa pelos males do presente, esconde o *dogma do sempre foi assim e sempre será igual* em que se resume a crença de que: *como o homem está manchado pelo pecado original e não é portanto capaz de Bem suficiente na Terra, a mesma melhoria do mundo se deforma em pecado*.

E Theodor W. Adorno conclui que o romance de Aldous Huxley fracassa devido à debilidade própria de seu conteúdo efetivo: a indispensabilidade de um esquema vazio inevitável, a saber: a disposição de que (a) – “a transformação dos homens não podendo ser calculada e escapando à imaginação antecipatória”, (b) – adota-se a escolha em substituí-la pela caricatura dos homens de hoje.

¹ É à funcionalidade dos *valores ideais*, sua característica de instrumentos de comunhão e princípios de incessante regeneração da vida espiritual se afirmando indispensavelmente por meio da afetividade coletiva que se refere a utilização do termo **desejável** na seguinte formulação de Durkheim: *qualquer valor pressupõe a apreciação de um sujeito em relação com uma sensibilidade indefinida: é o desejável, qualquer desejo sendo um estado interior*. Definição descritiva esta que não só torna extensível a característica do **desejável** a qualquer valor para além dos *valores ideais*, mas, por esta via os engloba igualmente na noção de funcionalidade que acabamos de mencionar a respeito desses últimos (qualquer valor tendo assim alguma participação nos ideais).

² Sobre o tema do Futurismo veja meu artigo: “Futurismo E Utopia Negativa Na Crítica da Cultura: Elaboração inicial para ler um texto de Theodor W. Adorno”. Link :
< http://docs.google.com/View?docid=ddm5qvzk_31cnt898#sdendnote4sym >

³ Ver: Theodor W. Adorno: “**Prismas: la Crítica de la Cultura y la Sociedad**”, tradução de Manuel Sacristán, Barcelona, Ariel, 1962, 292 pp. Ver o ensaio “**Aldous Huxley y la Utopía**”, páginas 99 a 125. (Original em Alemão: *Prismen. Kulturkritik und Gesellschaft*. Berlin, Frankfurt A.M. 1955). Op. Cit., pp. 268, 269.

⁴ Um futuro onde o **Sempre Igual** se prolonga indefinidamente é compreendido como Utopia Negativa.

⁵ Sobre a noção de animal abstrato veja meu artigo: “O Tema do Impacto da Cibernética na Sociedade: Da especialização e do automatismo ao animal abstrato”. Link < http://docs.google.com/View?docid=ddm5qvzk_41f764f2 >

⁶ Note-se que, por ser de ordem prático-coletiva, a humanidade não pode ser regulada por prioridades ontológicas.

⁷ Como se sabe a noção de liberdade é utilizada na referência da filosofia de Kant para dar conta da não-incompatibilidade da sua doutrina identitária do Direito em face da coação - <O Direito é o conjunto das condições por meio das quais o arbítrio de uma pessoa pode ser acordado com o arbítrio de outra pessoa segundo uma lei universal de liberdade>. A liberdade equivaleria à invasão no espaço de outrem (coação) por oposição/complementação da liberdade como esfera da permissão. Ver Power Point Slide 17: Kant e o Direito Link: www.uch.br/reinter/download/Norberto%20Bobbio.ppt Pesquisado em 11 de Fevereiro de 2007.

A CRISE ECONÔMICA E A FICÇÃO DO FUTURO
Artigo para a Crítica da Cultura
Por
Jacob (J.) Lumier

FIM

<http://wsf2008.net/pt-br/node/3770>

Nome do arquivo: A CRISE ECONÔMICA E A FICÇÃO DO FUTURO
Pasta: D:\Meus documentos JL\JAKE docs
Modelo: C:\Documents and Settings\Jota\Dados de aplicativos\Microsoft\Modelos\Normal.dot
Título: A CRISE ECONÔMICA E O FUTURO
Assunto:
Autor: Jota
Palavras-chave:
Comentários:
Data de criação: 24/1/2008 09:11:00
Número de alterações: 2
Última gravação: 24/1/2008 09:11:00
Salvo por: Jota
Tempo total de edição: 11 Minutos
Última impressão: 24/1/2008 09:12:00
Como a última impressão
Número de páginas: 4
Número de palavras: 1.461 (aprox.)
Número de caracteres: 7.806 (aprox.)